

Lâmina-Q. Ninguém sabe de onde elas vêm: exército, militares americanos, chineses, CIA, mas desde que começaram a aparecer nos bailes funk como a arma de preferência, todo mundo sabe o que elas fazem. Cortam qualquer coisa. A lâmina é tão afiada que corta em nível atômico. Ela vai até o nível quântico. Quebre uma — a única coisa que pode quebrar uma lâmina-Q é outra lâmina-Q — e a lasca cairá através da rocha sólida até o centro da Terra.

manifesto da coleção bang!

Este é o nosso compromisso com você:

*Queremos ser a melhor coleção de
literatura fantástica do Brasil.*

*Vamos publicar apenas os grandes
livros dos grandes autores.*

*Todas as obras são válidas, desde que
ignorem as limitações do realismo.*

Queremos mexer com a sua cabeça.

Mas um click não basta.

É preciso um Bang!

brasył



SUMÁRIO

Nossa Senhora da Valiosa Produção	11
17 a 19 de maio de 2006	13
22 de setembro de 2032	29
19 de junho de 1732	42
Nossa Senhora do Spandex	57
24 de maio de 2006	59
25 de setembro de 2032	71
22 de julho de 1732	85
Nossa Senhora do Lixo	99
25 a 28 de maio de 2006	101
12 de outubro de 2032	116
22 a 28 de agosto de 1732	130
Nossa Senhora que Apareceu	149
30 de maio a 4 de junho de 2006	151
27 de janeiro de 2033	165
16 a 17 de setembro de 1732	180
Nossa Senhora da Várzea	197
6 a 8 de junho de 2006	199
28 a 29 de janeiro de 2033	211
1 a 2 de outubro de 1732	223
Nossa Senhora das Telenovelas	239
9 a 10 de junho de 2006	241
2 a 10 de fevereiro de 2033	253
29 de outubro de 1732	264

Nossa Senhora do Sapo Dourado	281
10 a 11 de junho de 2006	283
12 de fevereiro de 2033	294
6 a 15 de agosto de 1733	304
Nossa Senhora de Todos os Mundos	323
11 de junho de 2006	325
18 de abril de 2033	346
18 de agosto a 3 de setembro de 1733	370
Glossário	394
Agradecimentos	397
Leituras Seleccionadas	398
A Playlist de Brasyl	399
Leia nas próximas páginas um trecho de	
<i>A Filha do Império</i>	401

Este aqui, finalmente, é para Enid

NOSSA SENHORA
DA VALIOSA PRODUÇÃO

17 a 19 de maio de 2006

Marcelina os viu pegarem o carro na Rua Sacopã. Era um Mercedes Classe C, carro de traficante, tunado até o talo pela equipe brasileira do Pimp My Ride, com calotas e parachoques cromados e uma faixa de néon azul que percorria o subframe de alto a baixo. Subwoofers do tamanho de malas de viagem. Os rapazes tinham feito um belo trabalho; ele parecia ter custado bem mais que os 4 mil reais que Marcelina pagara no depósito de veículos rebocados da cidade.

Passaram por ele uma vez: três caras de short de basquete, camiseta e boné. A primeira foi só para olhar. Depois uma segunda, desta vez para checagem, fingindo estarem interessados nas calotas, no terço e no chaveirinho do Flamengo pendurado no retrovisor (toque bacana), se ele tinha CD multichanger ou entrada para MP3.

Vão, meus filhos, vocês sabem que é isso o que vocês querem, pensou Marcelina da traseira do carro de perseguição parado numa rua duzentos metros morro acima. *Está aí pra vocês, fui eu que deixei assim, como vocês podem resistir?*

A terceira vez é pra pegar. Eles esperaram dez minutos de segurança por via das dúvidas, dez minutos durante os quais Marcelina ficou sentada diante do monitor com medo de que eles não voltassem. E se alguém chegasse lá primeiro? Não, lá vinham eles subindo a ladeira, caras bonitões balançando as pernas e os braços compridos. E eles eram bons, muito bons. Ela quase não os viu tentarem abrir a porta, mas não tinha como confundir a expressão de surpresa na cara deles quando ela se abriu. Sim, está destrancada. E sim, as chaves estão dentro. E aí eles entraram: porta fechada, motor ligado, faróis acesos.

— Estamos dentro! — gritou Marcelina Hoffman para seu motorista e foi imediatamente jogada de encontro ao monitor quando o SUV arrancou.

Jesus, Maria e José, eles estavam indo com tudo, fazendo o motor gritar ao rasgarem o asfalto na direção da Avenida Epitácio Pessoa.

— Todos os carros! Todos os carros! — gritou Marcelina no walkie-talkie quando o Cherokee entrou à toda no tráfego. — Temos um furto! Temos um furto! Seguindo para o norte, direção Túnel Rebouças.

Ela cutucou com força o ombro do motorista, um AP que tinha um amor confesso por ralis.

— Mantenha ele à vista, mas não o assuste. — O monitor estava em branco. Ela deu um soco no alto da tela. — Qual o problema com este negócio? — A tela se encheu de imagens, feed das câmeras-batom do Mercedes. — Preciso de timecode em tempo real pra estas imagens aqui. *Não deixe eles encontrarem as câmeras* — rezou Marcelina para Nossa Senhora da Valiosa Produção, sua santa padroeira.

Três caras, o de preto e dourado dirigindo, o de colete da Nike e o sem camisa com um nozinho de pelos encaracolados entre os mamilos. Sirenes passaram, com seu rastro de ruído Doppler. Marcelina levantou a cabeça do monitor para ver um carro da polícia atravessar quatro pistas de tráfego na avenida da Lagoa e passar por ela acelerando.

— Me passa o áudio.

João Batista, o cara do som, balançou a cabeça como um indiano, o gesto tornado ainda mais semelhante ao de um desenho animado graças aos fones de ouvido. Ele mexeu no mixer pendurado no pescoço e levantou o polegar em sinal afirmativo. Marcelina havia ensaiado isso — ensaiado, ensaiado e ensaiado — mas agora não conseguia se lembrar de uma única palavra. João Batista olhou para ela: *Vai, o show é seu.*

— Vocês gostam desse carro? Vocês gostam? — gritava ela como uma apresentadora de TV. João Batista a olhava com pena. Nas câmeras do carro, os garotos fizeram cara de surpresa, como se uma bomba tivesse explodido embaixo de seus LEDs de Super-Máquina. *Não vá falhar, aí minha Nossa Senhora, não vá falhar.* — É seu! É seu grande prêmio! Está tudo bem, vocês estão num game show de TV!

— É um Mercedes velho de merda com um tuning barato do pessoal do design — resmungou Souza, o motorista. — E eles sabem disso.

Marcelina retrucou.

— Você é o diretor? É? É? O carro serve para o piloto.

O SUV fez uma curva fechada, jogando Marcelina contra o banco de trás. Os pneus cantaram. Deus, ela adorava isso.

— Eles decidiram não pegar o túnel. Estão indo pro Jardim Botânico.

Marcelina olhou de relance para o satnav. Os carros de polícia eram bandeirinhas laranja, sua formação cuidadosa ao longo da Zona Sul do Rio se desmanchando e reordenando quando o carro perseguido se recusava a entrar na armadilha deles. *É esse que é o lance*, disse Marcelina para si mesma. *Isso é que faz uma grande TV*. De volta ao walkie-talkie.

— Vocês estão no *Fuga Implacável*. É o novo reality show do Canal Quatro, e vocês estão nele! Ei, vocês vão ficar famosos! — Isso fez com que eles olhassem uns para os outros. Cultura da atenção. Nunca deixava de seduzir os cariocas fúteis. Os cariocas eram os melhores participantes de reality show do planeta. — Esse carro é de vocês, absolutamente, garantido, na legalidade. Tudo o que vocês precisam fazer é não serem presos pelos policiais por meia hora, e nós já dissemos pra eles que vocês estão por aí. Vocês querem jogar?

Esse até poderia ser o slogan: *Fuga Implacável: você quer jogar?*

A boca do garoto do colete da Nike estava se mexendo.

— Preciso do áudio lá — gritou Marcelina. João Batista virou outro botão. O funk começou a sacudir o SUV.

— Eu disse: por esta merda aqui? — gritou o de colete da Nike por cima do batidão.

Souza fez outra curva numa velocidade de rasgar os pneus. As bandeiras alaranjadas da polícia estavam se agrupando, rota a rota, cortando qualquer fuga possível. Pela primeira vez Marcelina acreditou que aquilo podia dar um programa. Desligou o botão do áudio.

— Estamos indo pra onde?

— Pode ser pra Rocinha ou subindo a Floresta da Tijuca pela Estrada Dona Castorina. — O SUV deslizou por outro cruzamento, dispersando malabaristas de sinal, as bolas caindo em cascatas ao redor deles, e lavadores de para-brisas com baldes e esponjas. — Não, pra Rocinha.

— Estamos conseguindo algo que dê para usar? — perguntou Marcelina a João Batista. Ele meneou a cabeça. Ela nunca teve um sonoplasta que não fosse um filho da puta lacônico, e isso valia para as mulheres na profissão também.

— Ei, ei, ei, pode abaixar a música um pouquinho?

O batidão do DJ Furacão caiu a níveis aceitáveis para João Batista.

— Qual é o seu nome? — gritou Marcelina para o de colete da Nike.

— Tu acha que eu vou te dizer, num carro roubado com metade da Zona Sul no meu rabo? Tu tá querendo me pegar.

— Nós temos que chamar vocês de alguma coisa. — Marcelina tentava persuadi-lo.

— Bom, Canal Quatro, você pode me chamar de Malhação. Esse aqui é o América — o motorista tirou as mãos do volante e acenou — e O Clone.

O cabelinho-no-peito aproximou a boca da minicam do descanso de cabeça do motorista no clássico estilo rock MTV.

— Isto aqui vai ser que nem o *Ônibus 174*? — perguntou ele.

— Você quer acabar feito o cara do *Ônibus 174*? — murmurou Souza. Se eles tentarem levar aquilo pra Rocinha, vai fazer o *Ônibus 174* parecer uma festinha de Primeira Comunhão.

— Quer dizer então que eu vou ficar famoso? — perguntou O Clone, ainda beijando a câmera.

— Você vai ser capa da *Contigo*. A gente conhece o pessoal de lá e consegue isso pra você.

— Tu me apresenta pra Gisele Bündchen?

— A gente te coloca numa sessão de fotos com a Gisele Bündchen, vocês três e o carro. Estrelas do Fuga Implacável e seus carros.

— Eu gosto é daquela Ana Beatriz Barros — disse o América.

— Ouviu? Gisele Bündchen! — O Clone estava com a cabeça enfiada entre os assentos, berrando na orelha do Malhação.

— Cara, não vai ter nem Gisele Bündchen nem Ana Beatriz Barros — disse Malhação. — Isso aqui é TV. Eles dizem qualquer coisa pra manter o show rolando. Ô, Canal Quatro, e se pegarem a gente? A gente não pediu pra estar no show não.

— Vocês pegaram o carro.

— Você quis que a gente pegasse o carro. Você deixou as portas abertas e a chave dentro.

— Ética é bom — disse João Batista. — A gente não vê muito isso de ética em reality show.

Sirenes de todos os lados, chegando mais perto, entrando em fase. Carros de polícia passaram raspando de cada lado, uma explosão, um borrão de som e de luzes piscando. Marcelina sentiu o coração bater forte no peito, aquele momento lindo em que tudo funciona ao mesmo tempo, perfeito, automático, divino. Souza engatou a quinta no SUV ao acelerar e passar pelo canteiro de obras fechado onde o novo paredão da favela estava sendo erguido.

— E não é a Rocinha — disse Souza, passando por um caminhão-tanque. — O que mais tem lá pra baixo? Estrada das Canoas, né? Epa.

Marcelina levantou a cabeça do monitor. Já estava planejando sua edição. Alguma coisa na voz do Souza.

— Cara, você tá me assustando.

— Eles acabaram de dar um 360 no meio da estrada.

— Onde eles estão?

— Vindo bem pra cima da gente.

— Ô, Canal Quatro — Malhação estava sorrindo para a câmera do quebra-luz. Ele tinha dentes muito bons, grandes e brancos. — Acho que o teu programa tem uma falha. Sabe, eu não tenho vontade nenhuma de ir pra cadeia só por uma merdinha de Mercedes de segunda. Por outro lado, alguma coisa com um pouquinho de potencial de varejo...

O Mercedes veio deslizando ao longo da faixa central, espalhando o belo trabalho que o pessoal do design havia feito por toda a estrada. Souza acionou o ABS. O SUV parou a um milímetro do Mercedes. Malhação, América e O Clone já estavam do lado de fora, segurando suas armas de lado de um jeito que havia virado moda desde *Cidade de Deus*.

— Sai sai sai sai sai! — Marcelina e a equipe pularam para a estrada; o tráfego passava em disparada, buzinando.

— Eu preciso do disco rígido. Se eu não ficar com o disco rígido não tenho show, pelo menos me deixa ficar com ele.

O América já estava atrás do volante.

— Que beleza — declarou ele.

— Ok, pode levar — disse Malhação, entregando o monitor e o HD LaCie de 1 tera para Marcelina.

— Aí, tu tem um cabelo parecido com o da Gisele Bündchen — gritou O Clone do banco de trás. — Mas é encaracolado, e tu é bem mais baixinha.

Barulho de motor, pneus fumegando, a mão do América fez o SUV dar um cavalo de pau ao redor de Marcelina e saiu queimando asfalto para oeste. Segundos depois os carros da polícia apareceram.

— Agora isso — disse João Batista — é o que eu chamo de grande TV.

★

A Urubu Emplumado fumava na suíte de edição. Marcelina odiava isso. Ela odiava a maioria das coisas da Urubu Emplumado, a começar pelas roupas estilo anos 50 que ela vestia de forma nada irônica desafiando toda tendência e moda (não existe moda sem estilo pessoal, querida), e mesmo assim ainda ficava fantástica, das meias de náilon de verdade,

com costuras (meia-calça jamais, passarinho feio) até o casaquinho Coco Chanel. Se ela pudesse usar óculos de sol e um lenço na cabeça dentro da suíte de edição, faria isso. Marcelina odiava uma mulher que tinha uma confiança tão manifesta em seu jeito de vestir, e era tão correta nele. Ela odiava que a Urubu Emplumado pudesse existir com uma dieta a base de vodca importada e cigarros Hollywood. Nunca fora vista fazendo um único exercício, e mesmo assim saía de uma rodada noturna de edição irradiando um charme de Grace Kelly, e não com a caveira cheia de guaraná com açúcar. Acima de tudo ela odiava que, apesar de toda a sua graça retrô estudada, a Urubu Emplumado tivesse se formado na faculdade de Comunicação um ano antes dela e fosse sua editora sênior. Marcelina havia enchido o saco de tantos pesquisadores e produtores em coquetéis de sexta no Café Barbosa sobre os golpes baixos e armações que a Urubu Emplumado havia feito para conseguir a chefia do Entretenimento Factual do Canal Quatro que eles podiam recitar tudo como se fosse uma missa. *Ela não sabia que o microfone ainda estava ligado e os caras no receptor de rádio ouviram ela dizer...* (Todos juntos) *Me fode gostoso, porra...*

— A trilha sonora é uma Proposição Única de Venda; vamos querer um mix de Grand Theft Auto com retrô anos 80. Isso aí é aquela banda romântica inglesa que fez aquela música sobre o Rio mas o vídeo foi rodado no Sri Lanka?

— Eu achava que esse clipe tinha sido “Save a Prayer” — disse Leandro, movendo um cinzeiro de terracota com um vaso de flores invertido servindo de tampa na direção da Urubu Emplumado. Ele era o único editor no prédio a não mandar banir Marcelina de sua suíte e era considerado imperturbável como o Dalai Lama, mesmo depois de uma virada noturna. — “Rio” foi rodado no Rio. Faz sentido.

— Você é algum mestre ninja da nova música romântica britânica dos early eighties? — perguntou Marcelina agressiva. — Você nasceu em 1984, por acaso?

— Eu acho que você vai descobrir que essa faixa específica do Duran Duran foi gravada em 1982 — disse a Urubu Emplumado, apagando cuidadosamente o cigarro no cinzeiro e recolocando a tampa. — E o clipe foi rodado em Antígua, na verdade. Marcelina, o que aconteceu com o carro da equipe?

— A polícia o encontrou depenado até o chassi no pé da Mangueira. O seguro vai cobrir. Mas mostrou que funciona; quer dizer, o formato precisa de uma pequena modificação, mas a premissa é forte. É TV da boa.

A Urubu Emplumado acendeu outro cigarro. Marcelina estava alucinada na porta da suíte de edição. *Me dá me dá me dá me dá essa série.*

— É TV da boa. Estou interessada. — Era o máximo de elogio que você podia conseguir da Urubu Emplumado.

O coração de Marcelina bateu mais rápido, mas isso era provavelmente por conta dos estimulantes. Desça devagar, todos dizem, e depois uma noite normal de sono; isso, na experiência dela, era o melhor caminho de recuperação depois de uma virada noturna. Claro que, se era uma comissão, ela podia simplesmente ir direto até o Café Barbosa, socar a porta do Augusto com a Batida Maçônica especial, e passar o resto do dia na base do champanhe vendo rollerboys com bumbuns perfeitos passarem zunindo.

— É inteligente, afiado e atinge todas as nossas faixas etárias, mas não vai rolar. — A Urubu Emplumado levantou uma das mãos com luva de renda para impedir os protestos de Marcelina. — Não podemos fazer.

Ela bateu no pad de controle wireless e chamou o canal de notícias Quatro. Assíria Mendes estava no turno da manhã. Heitor provavelmente iria chamá-la ao meio-dia para um pequeno intervalo de almoço. Os medos e ansiedades de uma âncora de noticiário de meia-idade eram exatamente o oposto do que ela precisava naquele dia. Um fragmento parecia ter caído do cérebro dela direto para dentro da tela: carros de polícia encostavam ao redor de um veículo no acostamento de uma grande rodovia. *São Paulo*, dizia a legenda. Corta para uma tomada de helicóptero de cruisers militares e veículos de controle de multidões estacionados do lado de fora do complexo da Penitenciária Principal de Guarulhos. Espirais de fumaça subiam de dentro do complexo; figuras ocupavam o teto semiarrancado com uma bandeira feita de lençol, palavras pintadas com spray vermelho.

— O PCC declarou guerra contra a polícia — disse a Urubu Emplumado. — Já são pelo menos uns doze policiais mortos. Estão com reféns na cadeia. Em seguida vai ser a vez de Benfica e depois... Não, não podemos fazer.

Marcelina ficou parada na porta, piscando suavemente enquanto a tela de televisão se transformava num pontinho dançante ao fim de um longo túnel escuro zumbindo com latas de guaraná e anfetaminas, as estranhas limusines de Leandro e da Urubu Emplumado brincando de carrinho bate-bate com ela. Ela ouviu a própria voz dizer, como se de um alto-falante:

— Nós deveríamos ser modernos, fazer barulho.

— Uma coisa é ser modernos e fazer barulho, outra coisa é não conseguir renovar nossa licença de transmissão. — A Urubu Emplumado se levantou, limpando a cinza de cigarro das suas lindas luvas. — Desculpe, Marcelina.

Suas coxas recobertas de náilon soltaram faíscas ao roçarem uma na outra quando ela abriu a porta da suíte de edição. A luz era de cegar, a Urubu Emplumado, uma penumbra amorfa no centro desse brilho, como se ela tivesse penetrado no coração do sol.

— Vai dar errado, sempre dá...

Mas Marcelina havia quebrado sua própria regra: nunca proteste, nunca questione, nunca implore. Você precisa amar a coisa o suficiente para conseguir mas não tanto a ponto de não poder deixá-la ir. O gênero que ela escolheu — entretenimento factual — tinha uma taxa de audiência de impressionantes dois por cento, e ela havia adquirido a experiência, aprendido o kung-fu: jamais confie até o contrato estar assinado. E mesmo assim quem cria a grade de programação é soberano, tanto dá quanto tira. Mas cada nocaute lhe roubava um pouco de energia e ímpeto, como tentar impedir o caminho de um superpetroleiro com bolas de futebol. Ela não conseguia se lembrar da última vez em que havia adorado tanto assim a coisa.

Leandro estava fechando o piloto e arquivando a lista de decisões de edição.

— Não quero te apressar, mas estou com a Lisandra no *Cirurgia Plástica na Hora do Almoço*.

Marcelina juntou seus arquivos e o disco rígido e achou que podia ser muito bom chorar. Não ali, nunca ali, não na frente de Lisandra.

— Ah, oi, Marcelina, que chato o lance do *Fuga Implacável*, hein? Foi uma questão de bad timing...

Lisandra se acomodou na cadeira de Marcelina e colocou sua programação de filmagem e garrafa d'água bem em cima da mesa. Leandro estava limpando as lixeiras.

— Mas o negócio não é sempre assim?

— Sabe, você encara tudo sempre de modo tão filosófico. Se fosse eu, provavelmente ia encher a cara em algum lugar.

Bom, essa era uma opção, mas já que você mencionou, eu preferia passar merda nos meus lábios do que encher a cara no Café Barbosa.

Marcelina ficou ali se imaginando derramando ácido de bateria na

cara de Lisandra, traçando padrões de respingos à Jackson Pollock por toda a extensão da pele suave de pêssego dela. Que tal isso como *Cirurgia Plástica na Hora do Almoço*, sua piranha?

*

Gunga dava o ritmo, a percussão do baixo, a pulsação da cidade e do morro. Médio era o falador, a fofoca que corria solta na rua e no bar, as notícias das celebridades. Violinha era o cantor, que passava por cima do baixo e do ritmo, o hino por cima de tudo, caindo sobre o ritmo de Gunga e Médio, e depois saía de banda, como o próprio espírito da capoeira, em voos e jogadas ritmadas, fintas e improvisos, balançando o corpo por todo o lugar.

Marcelina estava descalça parada num círculo de música, peito arfando, braço erguido. O suor descia copiosamente pelo queixo e pelo cotovelo até o chão. Eram truques ali, engodos para serem usados no jogo da roda. Ela chamava com a mão levantada, adequadamente insolente. Seu oponente gingava, pronto para atacar e ser atacado, todos os sentidos em alerta. Chamar um oponente com tanta insolência assim era algo que exigia jeito e malícia.

Berimbau tocou iô iô, os capoeiristas cantavam.

Deixa tocar iá iá

São Bento Grande

Mandou chamar.

A roda batia palmas em contraponto ao ritmo urgente e ressonante dos berimbaus. Um instrumento tão aparentemente pouco sutil, o berimbau, sua origem como arco de guerra aparente na curvatura da verga de madeira, a corda tensionada. Uma coisa tão caseira: uma cabaça, um pedaço de fio do interior de um pneu de carro, uma tampa de garrafa pressionada contra a corda, um pau para bater e apenas duas notas na sua barriga redonda. Um instrumento da favela. Quando começou a jogar capoeira, Marcelina havia desprezado o berimbau; ela estava ali para lutar e, em segundo lugar pelo aspecto de dança do jogo. Mas não há dança sem música, e, à medida que aprendia as sequências, ela ia começando a apreciar as vozes plangentes e malemolentes deles, e depois a compreender as sutilezas rítmicas dentro de um trio de instrumentos que falava apenas seis notas. Mestre Ginga não se cansava de lhe dizer que ela nunca iria conseguir a corda vermelha se desprezasse o berimbau. Capoeira era mais que uma

luta. Marcelina havia mandado buscar um médio da Fundação Mestre Bimba em Salvador, o lar espiritual da clássica Capoeira Angola. Ele estava ao lado do sofá, fechado em sua sacola acolchoada de instrumento. Para Marcelina, de calça capri listrada de vermelho e branco e blusa crop top, aquele dia com sua derrota no trabalho ainda travada na garganta, lutar era um ótimo negócio.

*Eu tive um sonho camarada,
eu tive um sonho,
um sonho lindo que agora
vou-lhes contar.
Com Mestre Bimba,
Pastinha e Aberrê,
Ezequiel, Canjiquinha
e Valdemar.*

Cantava a roda, com três círculos de profundidade dentro do quadrângulo verde e úmido de concreto pintado com santos da umbanda e mestres lendários da história registrados em saltos de uma graça que era uma mistura de balé com kung-fu voador de filme. E Marcelina chamava mais uma vez, com um sorriso nos lábios. O ritmo havia diminuído da luta de São Bento Grande para o canto de entrada, uma formalidade da Escola de Angola que o Mestre Ginga preservava para sua própria Senzala Carioca, louvando mestres famosos e menos conhecidos. Jair atravessou a roda e travou sua mão estendida com a de Marcelina. Face a face, eles caminharam lentamente, formais como num cortejo fúnebre, ao redor do círculo de mãos, vozes e berimbaus batucando. Ele era um garoto arrogante, dez anos mais velho que Marcelina, negro, alto e bonito, ainda que de um jeito óbvio e exibido, posado, seguro ao ponto da arrogância. Ele não lutava nem com mulheres nem com brancos. Brancos se mexiam como árvores, como caminhões de porcos a caminho do abate. Mulheres eram incapazes de entender a malícia. Era coisa de homem. Mulherzinhas com nome alemão e pele de alemã eram as mais ridículas. Não deviam nem perder seu tempo jogando capoeira.

Aquela mulherzinha alemã já o havia surpreendido duas vezes, a primeira com um lírico S-dobrado que começou com uma finta e um chute do chão — só com mãos e pés tocando a terra — que se transformou em uma postura de uma só mão e um rabo de arraia com a perna direita, da qual Jair se desviou caindo numa negativa defensiva imediata, levantando o braço para proteger o rosto. Marcelina havia previsto com facilidade

de e se desviado da meia-lua dele. Ê! Ê!, os espectadores cantavam. Da segunda vez eles haviam quase gritado e batido palmas alto quando ela mergulhou numa meia-lua pulada, o golpe apoiado numa só mão que era o grande presente da Rio-Senzala para o jogo da capoeira. Ela havia captado Mestre Ginga com sua visão periférica; estava agachado com o bastão esculpido como um velho rei de Angola, o rosto duro como pedra. Velho filho da puta. Nada do que ela fazia o impressionava. *Você não é o Yoda*. Então um chapéu de couro veio rodopiando, Jair totalmente no ar, e Marcelina mal se abaixou numa queda de quarto, mãos e pés plantados no piso de dança, vendo os pés passarem voando pela sua cara.

No começo, capoeira havia sido apenas mais uma onda no zeitgeist que Marcelina Hoffman surfava, motivada pela fome perpétua e vampiresca por coisas cada vez mais novas e cool. No Canal Quatro, almoço era para losers, a menos que esse período fosse aproveitado em algo válido. Durante um tempo, *power walking* havia sido o grande barato, e Marcelina a primeira a se aventurar na praia escaldante de Botafogo de tênis, spandex, óculos de sol e pedômetro para marcar aqueles icônicos dez mil passos. Em uma semana, seus poucos amigos e muitos rivais já estavam nas ruas, e então ela ouvira, no meio do tráfego, o tinir dos berimbau, o batuque alegre do agogô, o canto vindo dos espaços verdes do Aterro do Flamengo. No dia seguinte ela estava com eles, batendo palmas do seu jeito de loura alemã enquanto caras bem magros sem camisa rodopiavam, giravam e chutavam na roda. Era uma simples demonstração de recrutamento do Mestre Ginga para sua escola, mas para Marcelina foi a *New Cool Thing*. Por uma temporada aquilo foi o que havia; quase todos os *pitches* nas sessões semanais tinham a ver com capoeira, e então a próxima novidade veio soprando da baía. A essa altura Marcelina já havia doado o spandex e os óculos de sol tão temporada-passada para uma loja de caridade, dado o pedômetro à Dona Costa do andar de baixo, que vivia assombrada por um medo de que seu marido fosse sonâmbulo que andava quilômetros e quilômetros pela rua à noite, roubando coisinhas. Comprou para si mesma a indumentária clássica de calças capri de listras vermelhas e topzinho stretch, e subia de táxi duas vezes por semana a estrada até quase o alto do Corcovado, em que o próprio Cristo ficava, um mamilo ereto, até a fundação Silvestre, do Mestre Ginga. Ela havia se tornado uma convertida da dança de batalha. O cool voltaria; sempre voltava.

Mãos travadas, os capoeiristas andavam em círculos. A noite esta-

va úmida, as nuvens pendiam baixas sobre a Tijuca. A umidade quente continha e amplificava os cheiros; o cheiro frutado e enjoativo das buganvílias que pendiam no pátio de luta da fundação, o cheiro rançoso de fumaça do óleo dos lampiões que definiam a roda, a doçura melada e salgada do suor que descia pelo braço levantado de Marcelina, a acidez fecunda e nutriente da axila dela. Ela soltou a mão de Jair e se afastou dele com um salto para trás. Num respiro os berimbaus e o agogô pularam para o São Bento Grande. No mesmo compasso Marcelina se agachou, agarrou a barra da calça com estampa de caveira e ossos de Jair, levantou e fez com que ele caísse de costas.

A roda foi ao delírio e soltou um urro; os tocadores de berimbau tiraram um risinho galhofeiro das suas cordas. Mestre Ginga segurou um sorriso. Boca de calça; um movimento tão simples, tão bobo que ninguém nem pensava que pudesse dar certo, mas era a única maneira de funcionar. E agora, o golpe de misericórdia. Marcelina estendeu a mão. Quando se oferece a mão, o jogo acaba. Mas Jair saiu da negativa defensiva numa meia-lua de costas. Marcelina se abaixou com facilidade sob o pé descalço de Jair e, enquanto ele ainda estava desequilibrado, pisou embaixo da guarda dele e deu-lhe nas orelhas com as mãos em forma de concha num estrondoso duplo galopante. Jair caiu com um urro, as risadas pararam, os berimbaus silenciaram. Um pássaro piou; Mestre Ginga não estava sorrindo agora. Mais uma vez Marcelina estendeu a mão. Jair fez que não com a cabeça, se levantou sozinho e saiu da roda balançando a cabeça.

Mestre Ginga estava esperando na luz amarela do poste de rua enquanto Marcelina aguardava seu táxi. Nesta vida uns dirigem, outros são levados. Galhos baixos de árvores e fícus tortos lançavam uma luz quebrada e cambiante sobre ele, ali curvado sobre sua bengala. Os patuás que ele usava no pescoço contra os maus espíritos chocalhavam.

Você não é o Yoda, porra, pensou Marcelina. Nem Gandalf, o Cinzento.

— Aquilo foi bom. Eu gostei. Boca de calça é jogada de malandro. — A voz de Mestre Ginga parecia áspera com a nicotina de oitenta cigarros por dia. Até onde Marcelina sabia, ele jamais havia fumado, nem sequer maconha, quanto mais algo a base de pó, e só bebia em dia de santo e feriado. Nódulos nas cordas vocais era a principal suspeita; fosse qual fosse a biologia, o resultado era muito *Karatê Kid*. — Eu pensei que, quem sabe, quem sabe, finalmente você estivesse pegando de verdade o jeito da coisa, e aí...

— Eu pedi desculpas, ele ficou na boa. Os ouvidos vão ficar zumbindo por um ou dois dias, mas ele pediu. Eu ofereci, ele recusou. Como o senhor mesmo diz, a rua não tem regra.

Quando ela se levantou dançando da posição agachada de defesa, não foi o rosto de Jair que ela viu, mas a Urubu Emplumado em toda a sua graça e maquiagem, e seus punhos na hora entenderam o que precisavam fazer: o telefone nas orelhas, o ataque mais humilhante do jogo. Um tapa na cara — em dobro.

— Você estava com raiva. Raiva é estupidez. Não te ensinei isso? O homem que ri sempre pode vencer o homem com raiva porque o homem com raiva é burro, age com raiva, e não com malícia.

— Tá, tá, já sei. — Marcelina disse jogando a sacola na parte de trás do táxi.

Ela havia torcido para que a dança-luta queimasse aquela raiva e a transformasse, como no zen caseiro do Mestre Ginga, na risada galho-feira do verdadeiro malandro, despreocupada, adorada por um mundo que cuidava dele feito uma mãe. A música, os cantos, os passos sorrateiros da ginga preparatória só haviam levado a coisa mais fundo, até ela perfurar um reservatório mais escuro de raiva: uma fúria tão antiga, tão enterrada que havia se transformado num óleo preto e volátil. Havia anos de raiva ali embaixo. Raiva da família, claro, da sua mãe que delicadamente, com respeito, se transformava numa bêbada no seu apartamento do Leblon; das suas irmãs, seus maridos e seus filhos. Raiva dos amigos que eram rivais e puxa-sacos, nos quais ela ficava sempre de olho. Mas, principalmente, raiva de si mesma, de aos 34 anos já ter ido longe demais.

— Não consigo ver filhos compensando o ganho que eu me propus a atingir na carreira.

A família Hoffman havia estado reunida no Restaurante Leopold para o aniversário de 60 anos de sua mãe, e ela, aos 23, recém-chegada ao Canal Quatro como pesquisadora júnior, deslumbrada com as luzes, as câmeras, a ação. Marcelina ainda conseguia ouvir sua voz por sobre a mesa, a cerveja, a garantia: uma declaração de guerra às suas irmãs mais velhas casadas, aos homens delas, aos óvulos nos ovários delas.

— Eu não quero ir pra Copa — ordenou ela, o celular na mão, o polegar com sua ginga própria no teclado. — Me leva pra Rua Tabatinguera.

— Beleza — disse o motorista — Copa tá cheia de polícia e militar. O Pavão Pavãozinho tá pegando fogo.

Não era o primeiro briefing semanal ao qual ela ia de ressaca. O boardroom do Canal Quatro — os sofás facilitadores de comunicação e as mesinhas de café, a parede curva de vidro e o azul do mar de Botafogo com o nevoeiro misturado com fumaça pendendo baixo sobre Niterói, do outro lado da baía — estremecia com uma linha de baixo superprofunda. Combinando com a política de frescor e *kidulthood* da emissora, as paredes do boardroom eram gigantescos fotomurais de colecionáveis de Guerra nas Estrelas. Marcelina sentia que o Boba Fett a estava oprimindo. Ela ficaria bem, contanto que não precisasse dizer nada; contanto que Lisandra não trabalhasse com seu sentido aranha de rainha das piranhas e notasse que Marcelina estava vindo de dois terços de uma garrafa de Grey Goose e muita Bavária gelada do frigobar do Heitor. Mais um dia, mais um romance químico.

Bem que ela queria poder parar de chorar toda vez que ia ao Heitor.

Chefes de departamento de gêneros, comissários, executivos e produtores de linha. A Urubu Emplumado de óculos escuros e lenço de cabeça como se tivesse acabado de descer da garupa de uma moto Guzzi. Rosa, a planejadora, colocou os *overnights* no projetor. Sofás de couro minimalistas rangeram quando corpos afundaram neles. A nova telenovela da Rede Globo, *Nu Brasil*, havia atingido a média de audiência de 40 pontos em seus quatro períodos de amostragem, criticamente 44 pontos no nicho de 18 a 34 anos. A *Escola Ninja* do Canal Quatro, na mesma faixa de horário, havia conseguido 8,5, inclinando-se pesadamente na direção da audiência masculina desejada, mas um ponto e meio inteiros atrás da *Desistentes da Escola de Beleza* do SBT e igual ao segmento de pico do Globo Esporte. E Adriano Russo estava chegando para dar uma palavrinha.

O diretor de programação do Canal Quatro tomava o cuidado de parecer que tivesse acabado de estacionar a prancha de surfe na recepção, mas ainda tinha sua própria cadeira reservada no fim da passarela de mesas de vidro e as mãos bem manicuradas muito ocupadas com pastas e Blackberries.

— Em primeiro lugar, IMHO, nesta sala estão as pessoas mais criativas, imaginativas e jogo-duro que já conheci. NQA. — A etiqueta era concordar com o papo de sala de chat de Adriano, mesmo quando ele usava acrônimos em inglês ou, como se acreditava normalmente, os in-

ventava. — Tivemos uma noite péssima; ok, só não podemos ter uma temporada péssima. — Ele endireitou a pasta sobre a mesa de vidro. — Só para a produção sênior e os chefes de gênero da NTK. Fiquei sabendo de informações sobre a programação de inverno da Rede Globo. — Até a Urubu Emplumado ficou ouriçada. — PDFs foram enviados para vocês, mas o eixo da temporada é uma novela nova. Antes que vocês comecem a gemer e reclamar de programação sem imaginação, vou lhes dar alguns detalhes. A novela se chama *Um mundo qualquer*, é escrita por Alexandre e Joaquim, mas USP: marca o retorno de Ana Paula Arósio. Ela vai contracenar com Rodrigo Santoro. Eles conseguiram que os dois voltassem pro Brasil pra fazer televisão. A coisa toda foi rodada num cenário secreto em Brasília, e foi por isso que ninguém ouviu uma palavra a respeito. O grande lançamento para a imprensa será na próxima quarta. A TX do primeiro episódio é em quinze de junho; precisamos de alguma coisa grande, que faça barulho, que chame a atenção deles para nós. TV de entretenimento, agressiva e ousada, “Como é que aqueles filhos da puta do Canal Quatro se atrevem”, esse tipo de coisa. Queremos que os colonistas de TV fiquem EPOOTH.

Eyes Popping Out of Their Heads, Marcelina supôs por entre a overdose de informações telenovelistica. Olhos Pulando Para Fora das Cabeças. Aquele não ia ser só um programinha para brigar com a novela. Qualquer coisa que tentasse derrubar Ana Paula Arósio e Rodrigo Santoro cairia com dez balas na cabeça. Mas a Globo estava calculando que *Um mundo qualquer* geraria uma imensa audiência herdada, inerte na frente da televisão e madura para o que quer que viesse depois, um *making-of* de baixo orçamento e alta voltagem, com muitas cenas de bastidores e entrevistas com os atores, *teasers* mas sem *spoilers* da trama. Essa era a audiência que Adriano Russo queria roubar. Pela primeira vez em meses o coração de Marcelina começou a experimentar uma leve dose de empolgação. A ressaca evaporou em uma descarga de adrenalina. Ambição louca. Promoção louca. O carrossel da montagem da grade de programação entre as principais emissoras estava voltando a rodar. O pessoal do Entretenimento Factual voltaria a atacar. Ela teria seu próprio cubículo de vidro. As pessoas teriam que bater antes de entrar. Seu próprio PA. Ela podia dar indiretas sobre Blackberries ou Razrs cor-de-rosa e eles apareceriam em cima da sua mesa pela manhã através da magia das fadas. A primeira coisa que um novo editor assistente responsável pela montagem da grade de programação faz é desmontar todos os programas dos

inimigos. Ela teve a fantasia de derrubar todas as propostas de Lisandra nas sessões Blue Sky Friday. Ela poderia comprar aquele apartamento no Leblon, talvez até com vista para a praia. Isso deixaria sua mãe bem satisfeita. Ela poderia parar de enganar o tempo com as injeções de Botox na hora do almoço e declarar guerra plástica total àquelas rugas de ansiedade dos 30 e poucos anos. Obrigada, Nossa Senhora da Valiosa Produção.

— Temos seis semanas para virar o jogo. Pitches para chefes de gêneros na Blue Sky Friday. — Adriano Russo arrumou sua papelada e se levantou. — Obrigado a todos.

Tchau Adriano valeu Adriano te vejo na Sexta Adriano abraço Adriano.

— BTW — ele deu meia-volta da porta do boardroom. — Mesmo que não tenhamos discutido isso. IMBWR é ano de Copa do Mundo.

Valeu Adriano legal Adriano a gente vai lembrar disso Adriano.

Boba Fett ainda mantinha Marcelina sob a mira ameaçadora de sua arma, mas Yoda parecia estar sorrindo.

COLEÇÃO **BANG!**

A MELHOR FANTASIA, FICÇÃO CIENTÍFICA E HORROR

04. Mago – Mestre – Livro Dois
Raymond E. Feist
05. A Filha do Sangue – Livro Um
Trilogia das Joias Negras
Anne Bishop
06. A Espada de Shannara – Livro Um
Trilogia A Espada de Shannara
Terry Brooks
07. Tigana – A Voz da Vingança
Livro Dois
Guy Gavriel Kay
08. Mago – Espinho de Prata – Livro Três
Raymond E. Feist
09. A Herdeira das Sombras – Livro Dois
Trilogia das Joias Negras
Anne Bishop
10. Mago – As Trevas de Sethanon – Livro Quatro
Raymond E. Feist
11. As Pedras Élficas de Shannara – Livro Dois
Trilogia A Espada de Shannara
Terry Brooks
12. Sangue Mágico
Série Kate Daniels
Ilona Andrews
13. A Filha do Império – Livro Um
Saga do Império
Raymond E. Feist & Janny Wurts
14. O Príncipe de Westeros & Outras Histórias
George R. R. Martin e Gardner Dozois
15. Brasy!l
Ian McDonald

Próximos Títulos

Livro Dois da Saga do Império
Raymond E. Feist & Janny Wurts

REVISTA **BANG!**

a sua dose diária de
fantasia, ficção científica
e horror



Já conhece a revista especializada
na cultura do fantástico, da
literatura ao cinema e HQs, não
faltando entrevistas, ensaios e
ficção? Venha descobrir em:

www.revistabang.com

Saiba tudo sobre a editora e os nossos livros em:



www.sdebrasil.com.br



Facebook: /editora.sde.brasil



Twitter: @SdE_Brasil



Instagram: /SdE_Brasil

COLECA
RANGI

